

## **Relato de experiência exposição Diálogo no Escuro**

Alina Yukari Yamada da Fonseca

Tudo começou em um dia como qualquer outro, no meio da semana, enquanto esperávamos algumas amigas na porta da sala de aula! Estávamos programando o que faríamos no próximo feriado, quando uma de nossas parceiras do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Museu, Cultura e Infância - GEPEMCI nos informa sobre a exposição que havia chegado recentemente no Rio de Janeiro, no Museu Histórico Nacional - a Exposição Diálogo no Escuro. Muito animada ela disse que precisávamos visitar porque além de ser uma exposição no escuro, os mediadores que guiam a visita são cegos. Ficamos surpresas porque é exatamente o que temos discutido nas nossas pesquisas individuais no grupo, a atuação de mediadores com deficiência! Imediatamente buscamos na Internet mais informações e também relatos de pessoas que já haviam visitado a exposição, não demorou muito compramos nossos ingressos!

Farei um esforço para descrever os momentos que vivi nesta exposição. Pois falar sobre essa experiência não é algo fácil, porque embora tenha passado tão rápido, foram momentos de grandes emoções, sensações e questionamentos. Uma mistura de sentimentos difíceis de serem descritos.

Ao chegarmos no Museu logo fomos direcionadas ao espaço da exposição. Lá recebemos uma bengala e também orientações de como nos comportarmos durante a visita. Nosso grupo era composto por cinco pessoas, não havia ninguém cego além do mediador. Nunca havia participado de algo assim, foi minha primeira experiência visitar uma exposição sem enxergar. Os museus tradicionalmente se organizam a partir do sentido da visão, portanto iniciativas como essas são poucas, e representam um novo enfoque do mundo das exposições museais.

Ao entrarmos na exposição a primeira sensação que tive foi medo, estava tudo escuro e o fato de não poder enxergar me deixou um pouco angustiada, pois parecia que o problema estava em mim em não poder enxergar. A orientação que nos deram era segurar a bengala com a mão esquerda e com a direita tocar nas paredes para nos orientarmos e tocarmos nas obras. Inicialmente tive muita dificuldade para reconhecê-las, era uma das únicas pessoas que não identificava nada. E isso fazia com que eu ficasse fazendo um

esforço enorme para conseguir enxergar, mesmo sabendo que não dava. Então decidi fechar os olhos para me concentrar e conseguir ver de outra forma. Muitas ideias passaram pela minha cabeça, foi uma oportunidade de ver o mundo como meu avô e meu tio veem. Sempre tive pena deles por não poderem enxergar, mas saí da exposição com um sentimento de admiração por eles e por tantos outros cegos que são capazes de usar todos os outros sentidos para enxergarem. A exposição me proporcionou muitos momentos de reflexão, uma delas foi a questão da limitação. Cheguei a conclusão de que eu que sou limitada por não conseguir usar tão bem os outros sentidos para ver, e não o cegos que não usam apenas a visão. Ballastero diz que:

No caso dos invidentes as sensações auditivas, olfativas, hápticas e térmicas passam a ocupar um lugar privilegiado em sua experiência sensorial. Sua experiência sensorial do mundo é, portanto, qualitativamente diferente. (Ballastero,2003,p.36 apud Kirst e Silva, p.7)

É exatamente isso que pude compreender através desta exposição, que nos proporciona outros modos de interação com o objeto artístico além do visual, dando ênfase a utilização de outros sentidos de percepção.

Em relação a atuação do mediador, foi uma sensação incrível ser mediada por ele. Fiquei ao mesmo tempo feliz e surpresa com a capacidade dele de nos direcionar com tanta precisão, ele dominava muito bem o espaço, nos dizia quando era para virar, descer, subir etc. Começamos a duvidar se realmente ele era cego. Mas logo refleti acerca de meu comportamento, e vi que estava errada por subestimar a capacidade dele por ser cego. Kirst e Silva levantam uma questão que nos ajuda a pensarmos sobre tais atitudes. se refere a forma como as pessoas cegas são tratadas não só pela sociedade, mas também por algumas instituições. Segundo as autoras, ambas vêem "o cego como alguém incapaz, tratado muitas vezes, como se tivesse algum tipo de deficiência mental, desqualificando-o diante das possibilidades que o cego pode atingir". (Kirst e Silva, p.4) Sendo assim, por causa da incapacidade que lhe atribuímos acabamos ficando surpresos quando eles mostram alguma habilidade ou capacidade.

Ao final da visita, tivemos a oportunidade de conversarmos com o mediador, o parabenizei por sua atuação e por sua iniciativa de trabalhar como mediador mesmo não sendo essa sua profissão. Saí da exposição já querendo retornar, meu desejo é que todos possam reservar um tempo para visitá-la. São minutos que desafiam nossas habilidades, que nos proporcionam o esclarecimento de dúvidas a respeito do universo da cegueira, transformando nossa forma de ver o outro e a nós mesmos, diminuindo assim as distâncias sociais e quebrando as barreiras que colocamos ao nosso próximo através da solidariedade.

Por meio de estudos anteriores<sup>1</sup>, pudemos constatar que a frequência de visitantes cegos nos museus do Rio de Janeiro é bastante reduzida quando comparada à população de cegos dessa região. Portanto considero esta exposição um caminho de aproximação deste público aos museus e espaços culturais, além de incentivar outras instituições a aderirem projetos como este, que dão aos visitantes cegos o acesso aos bens culturais.

#### Referência Bibliográfica:

SILVA, M., KIRST, A. Museu de arte, inclusão da pessoa cega, desafios do educativo.

---

<sup>1</sup> Relatório do PIBIC 2015.